

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

AS ÍNDIAS OCIDENTAIS DE ESPANHA NA "HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA" PORTUGUESA QUINHENTISTA.

PINA, Luís de

Ano: 1945 | Número: 55

Como citar este documento:

PINA, Luís de, As Índias Ocidentais de Espanha na "História Trágico-Marítima" Portuguesa Quinhentista. *Revista de Guimarães*, 55 (1-2) Jan.-Jun. 1945, p. 51-83.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

As Indias Ocidentais de Espanha na "História Trágico-Marítima,, Portuguesa Quinhentista

(Cont. do vol. LIV, pág. 146)

Como castigo de Deus, uma intensa epidemia de bexigas, em 1597, "com que lhes levou gram parte dêles, e ainda de seus próprios filhos, tão forte que houve pessoas de cujo rosto vivo se tirou uma máscara de sua própria pele, tirando-lhes Nosso Senhor porventura a que lhes dera, por se não contentarem com ela, ainda que mui aventajada, segundo dizem" (pg. 113).

A esta epidemia "nenhum pôrto dêste mar do Norte lhe pôde escapar naquelas Indias" (pg. 114 (1)). Entretanto, desencalhava-se a nau. Nem o sagaz tra-

(1) O notável discurso do P.^e António Vieira (Primeira Dominga de Quaresma (1653) designa as epidemias de varíola no Brasil, o que aconteceria por tôda a América costeira.

«Quem trouxe a praga das bexigas»? — perguntava e se respondia : — «estes captiveiros».

Como se sabe, defendeu extremamente a liberdade dos índios (*Sermões*, vol. III, Pôrto, ed. de 1907, pg. 14).

Em troca da sífilis americana, que afligiu a Europa, a Europa exportou a varíola, disse Gómara, já mencionado («parece que pagaron aquí las bubas que pegaron á los nuestros»).

Com graça escreveu Camilo Castelo Branco, referindo-se à sífilis : — «no século XVI o verme roedor que desmedula os ossos através de vinte gerações que hão-de sempre lembrar-se de Colombo pelo mimo» (*Anos de prosa*, Lisboa, ed. de 1920, pg. 125). Veja-se, acerca da varíola no Brasil, o livro de Carlos von Martius, *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Indios Brasileiros*, S. Paulo, 1939 (reedição da de 1844).

No México morreu variolosa 50 % da população índia.

balho dos *búzios* (mergulhadores) logrou descobrir-lhe o rombo que dera tanta água. E assim a nau parte de novo para o mar, com outros barcos de companhia. P.^e Gaspar Afonso não retomara lugar naquela, mas em outra das do comboio; mas essa mesmo esteve em risco de encalhar à saída de Pôrto-Rico, onde estanciaram mais de 5 meses.

Rumo das Bermudas, desgarrou-se das outras a embarcação, logo abordada de forte mar, que quási a engole. O malaventurado missionário, de par com outro companheiro, adocece a bôrdo. Esse até vomitava *bichos*. O P.^e Gaspar Afonso, para acudir com Deus aos necessitados, teve de pergar-se da enxerga e dar-se todo à ministration dos socorros divinos em transe tão apertado. Passava-se o dia de S. Bartolomeu — 24 de Agôsto — e o mar acalmou, enfim. E todo o afã dos embarcados foi o de esgotar a nau, que ia alagada. Medrosos de prosseguir viagem, acordam em abicar à mais próxima terra: a ilha Espanhola, Hispaniola, Santo Domingo — Haiti (1).

(1) Descoberta por Colombo em 1492. Na 2.^a viagem, desembarcou em Pôrto de Plata e Pôrto Real. Desta vez já levavani sementes, videiras, cana de açúcar, trigo, cevada, éguas, burras, porcos, vacas, etc., para propagar na ilha. Descobriu, então, Cuba e Jamaica. Santo Domingo, a capital da Colônia, fundou-a seu irmão Bartolomeu na margem do rio Ozama (3.^a viagem, 1498). Assim informa Gómara. Para a Hispaniola ou Espanhola teria levado Frei Tomé Berlanga bananeiras das Canárias (Aiton & Karpinski, ob. cit.).

Drake apossou-se da cidade em 1586 e os Franceses conquistaram-na em 1795. A ilha denominou-se, indiferentemente, de Santo Domingo, Haiti, S. Domingos, etc. Diz Gómara que, na língua dos naturais, Haiti e Quizqueia — como chamam à ilha — significam *aspereza* e *terra grande*. Tais antilhanos eram de côr castanho-claro, parecendo *algo tiriciados* (com icterícia), de mediana estatura e reteitos, de cabelo comprido, liso e negro. O nome de *Hispaniola* parece provir da sua semelhança com terras de Espanha. É a decana das terras colonizadas da América, sede do primeiro estabelecimento europeu naquelas paragens. No fim do século XVI havia menos de dois centos de seus indigenas! Como em Pôrto-Rico, o pão — *yuca* — era de maudoça. O açúcar já por 1526 se preparava em Cuba, Espanhola e Índias Ocidentais. Diz-se que era oriundo das Canárias e introduzido em 1506. Gómara esclarece que os engenhos de açúcar eram 30. Quem primeiro plantou a cana foi Pedro de Atienza e, a tirá-lo, foi Miguel Balles-

E assim chegam a um dos seus desembarcadiros, Pôrto de Plata.

Ao entrar, assaltam-na duas urcas de corsários franceses, mas consegue escapar-lhes, dentro das águas do pôrto, com o auxílio providencial de um piloto de terra. Os Padres recolhem ao Colégio da Companhia, para onde foram levados em cavalos, na cidade de Bayba, onde lançaram ferro. P.^e Gaspar Afonso adoece com mal da região ou «pasma»,

— «que é tão mortal e de intensíssimas dores, que dá por lá, e se se quiser um enfermo reger pelas regras da medicina de cá, que manda em dia de purga beber água e não vinho, lá o clima daquele céu e medicina da terra obrigam tão estreitamente ao contrário, que purga sem vinho purga a vida; porém fêz-me Nosso Senhor mercê dela por meio de um cutelo afogueado com que me navalharam todo o estômago, enxôfre bebido em um ôvo, e outras mênzinas dêste teor, que os médicos daquela terra que são mulheres, acham em seus Galenos e nos mais doutores desta profissão e aplicam por suas mãos, remetendo-se no mais à Divina Providência. Até que, por não ter mais remédio ali, deixando as curas da natureza, atravessámos a Ilha por terra, de norte a Sul, para nos curarmos pela arte na cidade de Santo Domingo, como curámos em seu hospital» (pg. 119).

tero. Gonçalo de Velosa seria o mais antigo possuidor de engenho de cavalos.

Recorde-se que em Santo Domingo o Colégio dos Padres dominicanos pretendia erguer-se ao lugar de Universidade; embora o não conseguisse, passava diplomas de certos graus.

Ao tempo de Gómara importava-se da Espanha açúcar, brasil, bálsamo, canafístula, coiros, etc. E havia lá três espécies de coelhos (*húttas*, *cort* e *mohuy*); *quentis*, como lebres; muitas vacas (a quem as desenconrassse era dada a sua carne); gatos (idos de Espanha); videiras, da Espanha, embora não fabricassem vinho; hortaliça vária; etc. O bálsamo era o da árvore *Goaconar* e quem primeiro o extraiu foi Antón de Villasauta.

Góinara elucida que as *bubas* (sífilis) vieram da Espanha para a Europa.

É curiosa esta nota àcerca da medicina de Santo Domingo (1). Gómara alude aos sacerdotes da Espanha, médicos e feiticeiros, adstritos à religião do diabo. Era, no fundo, o sistema médico de tôdas as civilizações arcaicas.

De Bayba foram os Padres para Santo Domingo (ou Nova Isabela, fundada por Bartolomeu Colombo), a sessenta léguas de través na ilha. O que viu P.^e Gaspar Afonso na jornada descreve-o agora. A boa hospitalidade dos moradores da região, criadores de gado, nas suas granjas ou *fatos*. Diz:

— «nem há vendas nem estalagens, porque caçabe ou mandioca (que é o mesmo em lugar de pão), carne de vaca para o mantimento, casa para o gasalhado, um modo de leito, em que faça sua cama se a leva, ou ponha sua roupa e durma, candeia e fogo, se dá em cada fato (como êles chamam às casas em que moram os senhores e a gente que para granjearem o gado aí têm) e muitas vêzes cavalos para o caminho, sem mais outra paga que um *Deo gratias* à despedida. Antes nos disseram mais que, se cansa o meu cavalo no caminho e tomo outro no campo sem licença de seu senhor e contra sua vontade, que não tenho pena por isso, por estar assim recebido geralmente êste caritativo costume, e, o que é mais, autorizado e confirmado por sentenças» (pág. 120).

(1) E' oportuno citar alguns estudos de História da Medicina americana. Entre mais: — Stone, *Medicine among the American Indians*, 1932; R. Pardal, *Medicina aborigene americana*, Buenos-Aires, 1937; J. Flôres, *História de la Medicina en México desde la época de los Indios hasta la presente*, México, 1886; Sigerist, *Amerika und die Medizin*, 1933; J. Túmburus, *Síntesis histórica de la Medicina Argentina*, Buenos-Aires, 1926; P. Ferrer, *História General de la Medicina en Chile*, 1904; J. Dominguez, *Contribuciones a la materia medica argentina*, Buenos-Aires, 1930; etc.

Quanto ao Brasil, muitos poderia citar, entre os cronistas antigos portugueses; o mesmo diria dos velhos relatores espanhóis dos séculos XVI a XVIII. Todos prestam valiosas informações sobre a Medicina indígena que encontraram ao conhecerem as populações americanas (Vd. Luis de Pina, *Flora e Fauna brasilicas*, etc., ob. cit.).

Era grande a abundância de gado vacum: 20.000 rezes em um só *fato*, além das que andam à solta e sem dono, pascem nos montes ⁽¹⁾. O custo da carne de boi era de real e meio português ou 9 ceitis ⁽²⁾.

A alimentação de galinhas e porcos com carne de vaca ⁽³⁾. Escassez de terra lavrada, «que nem viu nunca arado». A venda do gado (inclusão, no preço, do terreno em que pascia!) ⁽⁴⁾. Árvores, cuja madeira, levemente roçada, «acende logo o fogo». Frutas ⁽⁵⁾: laranjas, limões e cidras, muito desenvolvidas, reproduzidas por estaca (ou *filhos* ou *grellos*); *maméis-sás*, como maracotões, «amarelas por fora mas muito mais

(1) Gómara, como se viu em nota de há pouco, alude à grande cópia destes animais.

(2) Na Ilha residia um português, de Niza, de quem o relator não diz o nome. Nesta terra quis Cristóvão Colombo que jazessem seus ossos, onde, na verdade, foram sepultos, na Catedral de Santo Domingo. A primeira cidade das Américas foi *Isabela*, na Hispaniola, fundada pelo célebre descobridor, ao tempo da sua segunda viagem às Antilhas.

(3) «dormindo nós aquela noite bem inquietos, por estarmos fora de casa, temendo que depois de eles concluirem com a vaca, que estavam comendo junto de nós com grande ruído, cuidassem que nós éramos também vacas, e viessem começar ou continuar connosco, que estávamos perto deitados e fracos para lhes resistir» (pg. 124).

(4) Cada vaca ou boi 8 reais (incluso o terreno, como se disse, de 2 e 3 léguas, em certos casos e inclusa a moradia!). Mas, «fica, com tudo isso, o comprador neste contrato algum tanto gravado, porque tem obrigação de aceitar três ou quatro cadeiras, por velhas que sejam, e dous cães e dous gatos, cada uma destas peças por outro tanto, como uma vaca. E se no fato havia mais cadeiras ou cães, ou gatos, sai-se seu antigo dono embora com eles».

(5) Já atrás se disse, em nota, que os Espanhóis, na segunda viagem de Colombo, haviam levado sementes de, entre outras coisas, frutas variadas. Em outro estudo tratei da questão das Laranjeiras e Laranjas (*Flora e Fauna brasílicas*, etc., etc., etc.). Recordo, apenas, que Carlos França (*Subsídios para a história de algumas plantas cultivadas*, Porto, 1928) indica os Portugueses como produtores de Laranjeira na América e lembra que Oviedo y Valdés, na *Cronica de las Indias*, 1537 (ed. de 1547) fala de grande abundância delas antes de 1526 no Haiti (laranjas doces e azedas). Das laranjas, limas e cidras no Brasil, no século XVI, fala, entre mais cronistas, Gabriel Soares de Sousa, já referido. P.^o José de Anchieta na sua *Epistola*, já citada, de 1560 (vd. *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos..... do P.^o Joseph de Anchieta*, 1554-1594, Rio de Janeiro, 1933, com notas de Alcântara Machado) regista e trata dos *arvoredos de espinho* idos de Portugal.

por dentro, na figura e corpulência como grandes nabos, com dous caroços dentro, também grandes. As árvores que os dão são muito semelhantes a loureiros, mui altas e mui fermosas».

Outras, são os corações, «pela semelhança que têm com um coração em tudo, por fora, e muito mais por dentro na brandura e candura da massa, como Nosso Senhor quer os humanos, de que êle come» (pg. 122); as *chagas*, as *goiabas*, «que são como camoezas na feição, mas inferiores no sabor, as quais pela grande multiplicação de seu arvoredo se têm por praga na terra, e assim é que nem a cavalo pelos caminhos podíamos às vêzes romper por elas, pelo que não é necessário aos caminhantes desviarem-se do caminho para lançar mão desta fruta e colhêr dela, porque ela de si vai caindo na bôca» (id.); as *papaias* (mamões do Brasil) (1), «se puderam muito bem chamar melões na feição, repartimento de talhadas, côr exterior e interior, cujas pevides, que são redondas, têm a mesma acrimônia dos mastruços, sem nenhuma diferença; nascem em árvores, não nos ramos, senão pegadas ao tronco, e em verdes vimos delas mui fresca conserva» (id.).

Uvas nascidas de árvores (uveiras) (2), não de vides, tão boas como as nossas portuguesas; «quem

(1) Destas e outras fontes americanas tratam os nossos primeiros cronistas coloniais, como Soares de Sousa, Magalhães Gandavo, Padres Nóbrega e Cardim, etc. Na impossibilidade de comentar, agora, êsses pontos, relembro o que escrevi em *Flora e Fauna brasílicas*, etc., ob. cit.

(2) Na Flórida havia uvas, em que *se conhece a falta de adubo que ainda que são grossas, tem grande caroço* (vd. o trabalho do Fidalgo de Elvas, já citado, sôbre o descobrimento da Florida, na nota imediata). Já lembrei que Gómara indica a ida de videiras, da Espanha, para as Antilhas, por cuidado de Cristóvão Colombo. Ao tempo de Gómara não se fabricava vinho de uvas ali. O P.^e Gaspar Afonso, em outro ponto — pg. 125 — diz o mesmo e chama ferrais às parreiras. Em uma das suas cartas a El-Rei, escrita de Cochim em 1 de Abril de 1512, o grande Afonso de Albuquerque falava de haver em Malaca «parreiras de bôas huvas, e comias eu... (*Cartas de Affonso de Albuquerque*, vol. I, Lisboa, 1884). Como se sabe, há muitos géneros de videiras no mundo e certas plantas assemelham-se-lhe no fruto. A *Vitis vinifera*, Lin. era espontânea em certas regiões (Asia ocidental, Europa do Sul, Norte da Africa). Da sua expansão por sementes carregadas pelos

as não conhecer lhe parecerá que leva aquela árvore alguma parreira cingida, como as enforcadas dos carvalhos entre Douro e Minho». As *selvelas*, como as nossas ameixas (1):

— «contradiz sua árvore a natureza das outras daquela terra, e as da nossa: as daquela, em perder a fôlha, que as outras nunca perdem; as nossas, e parece que a tôdas as do mundo, em esperar primeiro que nasça o fruto, e quando chega a querer inchar então começa a saír e arre-bentar a fôlha que, como é mui delicada, quere antes ser coberta de fruto depois de nascida, que nascer primeiro para o cobrir» (pg. 123).

As bananas, são abundantíssimas todo o ano. Ali, como no Brasil e na Guiné; chamam-lhe *figos* na Índia e *plátanos* na Hespanhola. Eis a sua descrição:

— «O pé é tão grosso que podia servir de mastro a alguns barcos; em um ano se cria e acaba, onde tem fundamento a questão de alguns, se é árvore ou se é erva, porque para erva é mui grossa, e para árvore fenece muito cedo, porque não dura mais que um ano nem dá mais que uma só novidade; as fôlhas são tamanhas como um homem; dá cada pé um só cacho, e, aonde êles são bem criados, quais nós vimos, tem trabalho um homem em

pássaros (P.^e Afonso alude a êste modo de propagação, em geral) fala-nos Afonso de Candole (*L'Origine des plantes cultivées*, Paris, 1883). A cultura da vinha é antiquíssima, pre-histórica (vd. indicação bíblica).

(1) Um outro português, de que se desconhece o nome e anda na história com a designação de *Fidalgo de Elvas*, escreveu a *Relação verdadeira dos trabalhos que o governador D. Fernando de Souto e certos fidalgos portugueses passaram no descobrimento da Flórida*, publicado em 1557 e referindo-se ao ano de 1538 (aludo à edição de 1940). Aí refere muitas frutas da Flórida, de Cuba, etc., entre as quais *ameixas vermelhas, como as da Espanha*, uvas, nozes, etc.; algumas das ameixas eram de *dous metais, vermelhas e pretas*. Também alude ao pão de *mais* (como milho zaburro), que existe nas Ilhas e Índias de Castela, das Antilhas por diante. (ob. cit.).

alevantar um só do chão; cada uma das bananas (cada cacho terá de trinta e quarenta, até perto de cento) é de um palmo, mais e menos segundo o viço da terra e as castas delas, umas muito grandes, e outras muito pequenas, do comprimento de um dedo; e estas são as melhores. Comem-se cruas, assadas e cozidas, e de outras mil maneiras; nós as trouxemos passadas, e assim dão algum ar de nossos figos" (pg. 123).

Quanto a esta fruta, relembro o que escrevi em recente estudo (1).

(1) Luís de Pina — *Flora e Fauna brasileiras*, etc., ob. cit. São suas produtoras, Pacobeira (originária da América) e Bananeira (Ásia e África). Candolle, Carlos França e outros já discutiram suficientemente estas fruteiras exóticas que dão, respectivamente, a *pacoba* e a *banana*. Humboldt, que tão bem tratou da história da Botânica nas Américas (cit. por Candolle, que mencionei) alude à transplantação da afro-asiática (*Musa paradisiaca*, Lin.) para as regiões americanas (a destas fôra também transplantada para a África, ao tempo dos descobrimentos e conquistas dos Portugueses).

O mais antigo cronista espanhol da América (Oviedo y Valdés, já referido) diz que foi o P.^o Tomaz de Berleugas ou Berlenga o introdutor em Santo Domingo, no ano de 1516, da bananeira *Musa*. Humboldt lembra a existência quinhentista americana de bananas de duas espécies, o *arton* ou *plantano* e o *Dominico* (relação com Santo Domingo). Aquela se refere o P.^o Gaspar Afonso (plátanos) e distingue o *plátano* da *banana* (figo). Os cronistas espanhóis e portugueses americanos antigos aludem a estas duas espécies, mas a verdade é que a *pacoba* (nome tupi) e a *banana* eram muito semelhantes e diferiam no tamanho, sendo as segundas, menores.

Na Espanha havia as muito pequenas e chamava-se-lhe *dominicas*. Figueiras se chamava a ambas as plantas e *figos* aos seus frutos; o nome *banana* teria origem na nossa Ilha de S. Tomé e a sua comparação aos *figos* é vulgar (Zurara, *Crônica de Guiné*, Diogo Gomes, *Relação do Descobrimento da Guiné*, ambas da segunda metade do século XV e Alvaro Velho, *Roteiro da Viagem de D. Vasco da Gama*, escrito em 1499 e referente a Calecute).

A *Pacovas* (ou *pacovos*) se refere o nosso Magalhães Gandavo (*Tratado da Terra do Brasil*, escrito em 1570 e publicado em 1826) quando fala do Brasil e compara-os, como outros, a pepinos; *paco* e *figo* lhes chama Gabriel Soares de Sousa, já citado, um dos cronistas portugueses que melhor falam sobre o assunto.

Bananas-figos são os frutos da *Musa paradisiaca*, Lin. (subespécie *Sapientum* (L.) O. Ktza., var. *martabanica* Baker. Garcia de Orta (*Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas medi-*

Os ananazes, *no último e supremo lugar de tôdas as frutas*, a que chamam *pinhas* nas Índias. P.^o Gaspar Afonso alude ao seu valor terapêutico ⁽¹⁾:

— «é remédio singular para os enfermos de pedra, pelo qual só merecia que os tais enfermos se desterrassem de suas pátrias e se fôsem viver lá» (pg. 124).

O genipapo (*genipavo* do Brasil), bom para o enegrecimento da pele dos homens (com sua água ou fumo), que dura alguns dias. Com graça e filiosôficamente escreveu o P.^o Gaspar Afonso ⁽²⁾:

— «Não é melhor nem maravilhosa a virtude de outra fruta, ainda que se não come, que no Brasil chamam genipavo, e nasce em umas árvores como marmelos, a qual fruta a natureza não fêz para mais que para em tempo de necessidades, que sucedem aos homens, fazer, de presente, ou com seu fumo, ou com água

cinais da India, Goa, 1563) também lhes chama *figos*. E' curiosa a designação de *platanos* que lhes dá o Fidalgo de Elvas (ob. cit.), ao relatar o descobrimento da Flórida: — «do tamanho e feição de pepinos». O nosso português falava, então, do que havia em Santiago de Cuba, uma das Antilhas.

Pisão e Marcgrave, nas suas obras do século XVII, sôbre o Brasil (1648 e 1658) versaram êste capítulo, reproduzindo as figuras da *bananeira* e da *pacobeira*, que destremam. Os portugueses, no entanto, com os cronistas espanhóis, contribuem decisivamente para a sua elucidação (Vd. Luís de Pina, *Flora e Fauna brasílicas*, etc., ob. cit.).

(1) No meu trabalho *Flora e Fauna brasílicas*, etc., trato largamente dêste fruto, chamado também *Abacaxi* ou *Abacaxy* (em tupi) e designo alguns dos mais conhecidos cronistas que sôbre êle escreveram no século XVI, como Gabriel Soares de Sousa, Magalhães Gandavo, Fidalgo de Elvas, Garcia de Orta, Cristóvão da Costa, Frei João dos Santos, etc. O Fidalgo de Elvas fala do ananaz de Santiago de Cuba e compara-o às pinhas.

(2) Também lhe chamou *janipapo*. Resumo o que dêle se conhece no meu trabalho, tantas vezes referido, *Flora e Fauna brasílicas*, etc. Ao seu uso na pintura corporal aludem Soares de Sousa e outros portugueses, bem como os estrangeiros Schmiedel, Thevet, Staden e outros, do século XVI. Ai transcrevo o passo do nosso Gaspar Afonso e colijo a sua importância terapêutica. Também se lhe chamou *ginibabo*, *janipaba*, *ginipapo*, *janipá*, etc.

que dela se estila, de um homem branco, negro, como nós vimos, e conservá-lo assim por oito ou nove dias, para passar por negro onde lhe fôr necessário. Desejei muito de achar também outra contrária a esta, que assim como esta tem virtude para mudar o exterior de branco em negro, assim a tivesse a outra para mudar o interior de negro em branco, para me aproveitar dela e a dar a todo o mundo, que dela se quisesse servir" (pg. 124).

Fala-nos dos melões e pepinos de todo o ano. A planta dêstes dura anos, trepa às árvores e chamam-lhe pepinos da nova Espanha; era costume armarem com êles as sepulturas, por Endoenças; muito bem cheirosos, chamam-lhe *curvas* no Brasil. Vejamos as *canafístulas* (!):

— "Com as frutas podiam também entrar as canafístulas. Dão-se em árvores mui grandes e que têm muita semelhança com nogueiras,

(!) Gabriel Soares de Sousa, entre outros portugueses do século XVI, descreve a *canafistula* no Brasil, a par dos relatores espanhóis que o fizeram quanto às suas Américas. Soares de Sousa di-la nascente na Baía e chamava *geneúna* e conhecida por *mari-mari*. Outra cássia fôra transportada da Guiné; deve ser a *Cassia fistula* L. (vd. F. C. Hoehne, *Botânica e Agricultura no Brasil (Seculo XVI)*. (Pesquisas e Contribuições), S. Paulo, 1937).

Garcia de Orta (ob. cit.) trata da cássia-fistula com propriedade. Da América já ela era importada para a Europa, via Espanha, no seu tempo. Começara a cultivar-se na ilha Hispaniola ou Santo Domingo (cêrca do convento de S. Francisco da cidade de Vega, cidade a que P.^e Gaspar Afonso há-de referir-se por ter passado por ela). A' canafistula ou cassiafistula aludem já os autores árabes, como Razes e Avicena. O célebre médico espanhol Nicolau Monardes, no seu livro *Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias occidentales, etc.* (1575) trata desta planta e sua cultura nas ilhas dominica e de Pôrto Rico de onde vinha para a Europa.

É curioso o capítulo que sôbre a planta trás o nosso boticário do século XVIII, Rodrigues Coelho, (*Farmacopea Tubalense, etc.*, Lisboa, 1735). Nessa época a melhor era a do Levante, falando da do Brasil e das Ilhas. A mais antiga menção de canafístula que conheço é a que se lê na carta do boticário Tomé Pires, escrita em 1516 a el-rei D. Manuel, de Cochim, onde arrola os productos naturais da India e Oriente. No *Rotetro da viagem de D. Vasco*

de que há nesta ilha grande carregação. Não me soube determinar quando estas árvores pareciam mais fermosas, se quando cheias de flor em cachos amarelos, se depois carregadas de fruta, que são as canas pendentes de seus ramos, algumas de três e quatro palmos de comprido juntas muitas delas de duas em duas, as quais com qualquer leve viração, dando umas pelas outras fazem um suave rugido. Assim da flor como dos canudinhos, enquanto pequenos e tenros, se faz conserva mui preciosa, que tem o mesmo efeito que a polpa ou miolo, de quem nos cá servimos de pretoja, e sêco, o qual ao colhêr da cana é líquido e da côr do mel e tem mais eficácia e virtude» (pg. 125).

O P.^e Gaspar Afonso regista a falta de vinho, mas louva a abundância de água — 2.000 rios e um lago — servindo os cursos dos rios de meio de transporte; louva, também, a beleza e frescura do arvoredo marginal. Descreve, minuciosamente, a celebrada *erva-santa* ⁽¹⁾ ou tabaco. Eis o texto:

— «ao qual se tem por tôdas as Índias achadas tantas virtudes, não sei se reais, se imaginárias, e particularmente ao que nasce nesta ilha, pelo que é mais estimado e buscado; e, onde concorre muito de várias partes, perguntam os compradores por tabaco de Santo Domingo, o qual não sòmente se semeia e granjeia para se usar naquelas partes, mas traz-se por mercadoria para estas, e de tanto preço, que vimos nós desembarcar fazenda, que já estava embarcada, para se fazer lugar a esta, e acomodar como esta merecia. E quanto é por lá, não há quem o tire nunca da bôca em fumo,

da Gama, de 1499, não se ajude à canafístula em um rol de espécies orientais nele inscrito. André Alvares de Almada, no *Tratado breve dos rios de Guiné, etc.* (escr. em 1594 e publ. em 1841) fala de canafístula na Guiné.

⁽¹⁾ Alberico Benedicenti — *Malati — Medici e Farmacisti. Storia dei rimedi, etc.*, Milão, 1924.

ou dos narizes em pó, e infinitos há que nem de ambas as maneiras se fartam dêle; só os poderia fartar quem lhes descobrisse invenção (que êles comprariam por muito dinheiro) para assim como o metem dentro em si por estes dois sentidos, cheiro e gôsto, o poderem também meter pelos outros três, que lhes ficam privados de tanto gôsto. De maneira que o fim dos banquetes mui regalados, e a última iguaria dêles, é um prato mui fermoso cheio de tantos rolos ou canudinhos, como êles lhe chamam, feitos daquelas mesmas fôlhas sêcas enroladas, quantos são os convidados. Os quais canudinhos acesos por uma ponta, e metidos na bôca, pela parte que não estão acesos, estão chupando o fumo, reprimindo o fôlego quanto podem, para que o fumo tenha tempo para andar visitando, consolando e amezinhando tôdas as partes interiores. Aos que têm fome serve de pão; aos que têm sêde serve de água; os que comerem destemperadamente, e estão fartos, dizem que ficam desalijados; se estão encalmados, que os refresca; se frios, que os aquece; se com maus humores, que lhos bota fora o pó moído, e tomado pelos narizes, com o qual pó alguns misturam cinzas para o fazer mais forte. Aíora outras infinitas cousas, para que dêle se servem, aplicado por dentro e por fora. E nesta forma experimentei eu também a sua virtude, aplicando-mo em um acidente, como única e singular mēzinha. E para que a todo o tempo o tenham à mão, não só o trazem perpétuamente na algibeira (e alguns, para fazerem mais honra ao pó, em abutas de preço), mas juntamente, quando caminham, fuzil para acenderem as fôlhas e canudinhos, o que fazem com muita destreza, sem para isso parar o cavalo nem perder um passo. Eu mais dificilmente dei crédito a tantas virtudes suas que ao que muitos me disseram: que era cousa ordinária, abrindo-se alguns mortos por algumas ocasiões, acharem-lhes, pela continuação e ardor dêste fumo, tudo por dentro negro e

tostado como uma chaminé, e que aos que começam a tomá-lo pelos narizes acontece ficaram as primeiras vezes em êxtase, pela fôrça ou furor com que acomete ao miolo, lidando interiormente o paciente daquela divindade, como aconteceu a um bem rico, que eu conheci, que estava quási morto. E contudo é tanto o apetite dêste pó e fumo, que, estando um morrendo um pouco antes de acabar me pedia afincadíssimamente lhe desse um pouco de tabaco para tomar o fumo» (pg. 127).

Sôbre êste assunto poder-se-ia escrever copiosíssimo número de páginas. De autores sem conta que poderia aqui arrolar, cito Candolle e Carlos França juntamente com Benedicenti e alguns mais. Vejamos. Carlos França reclama a prioridade para os Portugueses, como primeiros que viram o tabaco, antes de Frei Thévet, que tal primazia reclamava, infundadamente. Aponta-se que os Espanhóis o conheceram entre 1518-1520, no México, ao passo que nós o víramos no Brasil em 1500. A *Nicotiana Tabacum*, Lin., fôra de uso antiqüíssimo na América do Norte (Aztecas, etc.), e ao tempo da chegada de Espanhóis e Portugueses já se fumava em alguns lugares (em canudos e cachimbos) ou se *tomava* e mastigava. A pátria do tabaco ou *erva-santa* seria entre o México e a Bolívia. Sem querer referir-me à história da planta no Oriente — história, aliás, muito curiosa —, lembro que outros nomes foram dados ao tabaco, como *petume*, *tamboc*, *taboc*, etc. Candolle considera *petume* designação moderna.

Todavia, *petume* — ou erva capital — lhe chama, no século XVI, Gabriel Soares de Sousa. Entre os autores que desta planta trataram, cito o conhecido anatómico Tiedemam, um dos seus mais amplos e minuciosos investigadores (1). Segundo êste autor,

(1) Tiedemam — *Geschichte des Tabacks*, 1954. Ver, também, C. Barbier, *Histoire du tabac*, Paris, 1861.

La Plata, Uruguai e Paraguai não conheciam o tabaco (1).

Don António Lavedan, em 1796, escreveu um curioso livro onde trata dêste produto (2), que encerra informações colhidas de mais autores e de que me servirei nesta conjunção. Como se sabe, o tabaco foi excelente remédio para várias afecções e hoje, ainda, se usa em várias circunstâncias (3). Clúcio, na sua História geral das Plantas (4) e Monardes, já citado, descrevem-no largamente. Entre outros nomes, mais ou menos modernos, do tabaco (5), que já aqui aponteï, conhecem-se os de erva do *Gran Prieur*, *Nicotiana*, *Yerba de la Reyna*, *Regia* ou *Regina*, *Yerba de la cabeza*, *Buglosa antarctica*, *Picielt* ou *Pacielt*, *Caterinária*, *Oluluch*, *Sairi*, erva de *Angulema*, *Sana Santa*,

(1) «Brotá além disso a terra plantas muito medicinaes, e entre ellas a herua santa, muito proveitosa para chagas, apertos de amiu-dado anhelito, e tambem para crancos, e para a gangrena, procedida de apodrecidas chagas e que em perdição de todo o corpo lava contagiosa e subitas: para muitas mais doenças, em que a arte médica em vão se esgota, e que ella mui prompta despede». D. Jerónimo Osório, *Da vida e feitos d'elrei D. Manoel* (1571). Trad. do latini por Francisco Manuel do Nascimento, T. I, L.º II. Lisboa, 1804. Damião de Góis, na sua *Crónica de D. Manuel* (Lisboa, 1566-1567), refere-se ao tabaco da mesma forma.

(2) António Lavedan — *Tratado de los usos, abusos, propiedades y virtudes* del tabaco, café, té y chocolate, etc., Madrid, 1796.

(3) Bochechos de fumo para odontalgias ou em *rapé* para *tonificar a vista*. A respeito desta última aplicação veja-se de Alberto Pessoa, *A propósito da pretensa acção terapêutica do rapé*, in «O Instituto», Coimbra, 1921.

(4) Carlos Clúcio ou De L'écluse — *Rariorum Plantarum Historia*, Antuérpia, 1601. Deve-se a Clúcio, contemporâneo de Garcia de Orta, a versão latina dos seus *Colóquios*, de 1563. Lavedan cita Juan Castro como autor de uma *Historia del Tabaco*, que desconheço, mas sei que se trata da *Historia de las virtudes del Tabaco*, publicada em Córdoba, no ano de 1620. De Francisco de Aguilar há, também, *Desengaño contra el mal uso del tabaco*, 1634.

(5) O nome do tabaco proviria do da ilha onde crescia copiosamente, chamada *Tobaco* (informação de Monardes, cit.), *Tobago* ou *Tabago*, uma das pequenas Antilhas, ao norte da ilha da Trindade.

sacra, fumo, pitume (pettum, bittim, petignia), hùthem, petuma, pety, etc. (1).

Hohene (ob. cit.) informa que, segundo Rosny, foi Colombo quem, em 15 de Outubro de 1492, viu nas pirogas dos indígenas «muitas fôlhas sêcas odoríferas muito estimadas no mesmo país»; em 5 de Novembro viram *tições acesos* nas mãos dos indígenas (Cuba). Las Casas (2) — célebre cronista espanhol de Quinhentos e defensor da liberdade dos índios de Santo Domingo, aonde chegou em 1502, descreve êsses *tições* cheirosos que, afinal, eram os charutos do tempo.

Thevet, nascido no ano em que Las Casas arribou às Antilhas, descrevia-os na sua obra, em 1556. Todavia, o nosso Gabriel Soares de Sousa, embora uns anos mais tarde, descreve muito melhor a *erva-santa*, seus usos medicinais e para *fumo* ou esmoer o vinho dos bêbedos! (3)

Segundo Aiton & Karpinski, a primeira menção do tabaco, em livro impresso, data de 1530, de Pedro Mártir de Anghiera (nas suas *Décadas*, publicadas nesse ano, em Alcalá). Segundo aqueles autores, dataria de 1500 a remessa do tabaco para a Europa, que nesse ano os índios fumavam largamente.

Chegamos, agora, a outro ponto da história do tabaco: a sua introdução na Europa. Afirma-se que os Portugueses o conheceram no Brasil em 1500, ano do seu descobrimento; outros, que os Espanhóis o teriam visto no México, como já disse, entre 1518-1520 (Carlos França, ob. cit.); outros, ainda, que os Espanhóis observaram o seu uso antes de 1500.

Quando viera a planta para a Europa? Difícil é

(1) E outros, no estrangeiro: — *erva piperiva, divina, de S. Croce, medica, tomabuona*, etc.

(2) Bartolomeu de las Casas — *Apologetica História Sumária*, etc. Ed. de 1909, Madride (Biblioteca de Autores Espanoles, cit.).

(3) «bebem o fumo dela ajuntando muitas folhas destas, torcidas com as outras e metidas em um canudo de folha de palma, e põem-lhe o fogo por uma banda, e como faz brasa, metem êste canudo pela outra banda na boca, e sorvem-lhe o fumo para dentro até que lhe sai pelas ventas fora» (cap.º LXI).

dizê-lo ou afirmá-lo. Investigadores há que contam (1) usar-se em Portugal e Espanha muito antes de se conhecer em França. Monardes, no livro apontado, afirma terem sido os Portugueses que trouxeram o tabaco do Brasil (2) e das plantas descendentes da importada mandaria o embaixador Nicot espécime à Rainha Catarina de Médicis por intermédio do Grand Prieur, da Casa de Lorena, em 1559 ou 1560. Thevet pretende ser o seu introdutor em França.

Aiton & Karpinski (ob. cit.) informam que em 1500 vieram da América para a Europa, com algodão, milho (corn), batata doce, cochonilha, pau brasil, etc., o rapé e o tabaco. Por outro lado, dizem que foi transplantado para a Espanha em 1558, por Francisco Hernandez, antes, pois, de o ter sido em França, como disse atrás.

A planta do tabaco enviada por Nicot para o seu país seria colhida no jardim real português, onde se cultivaria (3). Benedicenti (vol. I, 734, ob. cit.) escreveu o passo que traduzo do italiano:

— «Nicot, filho de um notário de Nîmes, enviado por Francisco II ao Rei de Portugal, recebeu a oferta, da parte de um flamengo que regressava da Florida, uma planta viva de tabaco e cultivou-a, atendendo à sua raridade».

Usando-a na cura de uma ferida, com resultado, resolveu mandá-la àquele grande Prior. A erva já então se chamava *erva do Embaixador*. Catarina de Médicis propagou-lhe o uso medicinal, aplicando-a a Francisco II, que, por isso *morreu envenenado*. Os pós

(1) R. P. Lavat, cit. por Carlos França, in ob. cit.

(2) No livro mencionado de 1575, *História medicinal*, etc. O célebre Damião de Góis, na sua *Crónica de El-Rei D. Manuel*, etc., já referida (ed. de 1616) informa que foi Luís de Góis (irmão de um dos donatários da capitania da Paraíba do Sul, Pero Góis) o que primeiro a trouxe ao nosso país. Luís de Góis, ingressou na Companhia de Jesus, da Índia.

(3) C. R. Boxer — *Subsídios para a História dos Portugueses no Japão (1542-1647)*, in «Boletim da Agência Geral das Colónias», Lisboa, 1927, pg. 38.

começaram a usar-se para as dores de cabeça e libertação de humores pituitosos.

Outras nações ou regiões conheceram depois o tabaco: — Inglaterra em 1585; a Itália, entre 1583-1593, por cuidado do Nuncio Santa Croce (vd. Carlos França, ob. cit.); Japão, pelos Portuguezes, em 1592 (1); Virgínea, por John Rolfe, que aí primeiro o cultivou, nos começos do século XVII (2).

Devo lembrar que Pisão e Marcgrave falam do tabaco e reproduzem a planta nas obras já indicadas. Do uso do tabaco fumado — que Nicot de Portugal levou para França — uns dizem ter sido noticiador o missionário espanhol Francisco Romano Pane. *Benedicenti* (ob. cit., I, 733), apontando esta indicação de Monardes, diz que não era tabaco o que êle viu fumar, mas sim a *cogioba* ou *Piptadenia peregrina*; e atribui o facto a Navarrete, conforme designa o investigador Pafford (1916). Pane teria remetido, mais tarde, o tabaco a Carlos V (1518), encarregando da missão ao grande Cortez. Em Itália teria cultivado a planta o grande botânico e médico quinhentista Andrea Cesalpino, um dos precursores da doutrina da circulação do sangue. *Benedicenti* aponta alguns dos tratadistas do tabaco no ponto de vista médico, como Magneni, Neander, Stella, e outros, dos séculos XVI e XVII. Relembro, por sua indicação, que o nosso Zacuto Lusitano louva o tabaco com que curou um epiléptico (3).

Depois de tanto termos escrito sôbre esta planta, que surgiu na Terapêutica dos séculos XVI e XVII

(1) Frei Miguel Agustin, no *Libro de Secretos de Agricultura*, etc., Saragoça, 1625 (cit. por Carlos França) esclarece que um dos guardas daquele jardim dera a Nicot a erva florida, nos anos de 1558, 1559 e 1560.

(2) Do século XVII há um notável livro sôbre o tabaco, de 1623 (Roterdão), intitulado *Een korte beschrijvinge van het wonderlijcke Kruyt Tobacco*, etc. O Catálogo de Maggs Bros, de Londres (n.º 582, 1933) reproduz o título a pg. 189 e avalia-o em 21 libras e 50 s. ! Na capa um homem a fumar longo cachimbo e *fumegando* pelos narizes. Em cima de uma mesa a que se encosta, está outro cachimbo e apetrechos para prepará-los.

(3) Zacuto Lusitano — *De Praxis medica admiranda*, etc., in T. II da *Praxis historiarum*, etc. Lião, MDCLXVII.

como remédio milagroso e cujo reinado pouco durou, e de considerar o P.^e Gaspar Afonso, com o seu texto, um dos mais claros, graciosos e completos descritores do seu uso, no século XVI, revertamos ao livro comentado.

Revela o nosso missionário certo jesuíta, médico e teólogo juntamente, que escrevera um livro àcerca do tabaco, do que fôra encarregado pelo Arcebispo de Pôrto-Rico, obra que o P.^e Gaspar Afonso viu. Quem êle fôsse, não pude descobrir. Parte do texto destinava-se a provar que não deviam os sacerdotes tomar fumo antes de comungar ou dizer missa.

Segue o P.^e Gaspar Afonso na indicação de abundância de palmeiras (tâmaras, cocos) e dos palmitos (¹), seus renovos, de que um só desenfastia uma grande casa. Diversas feições de *cocos* e tamanhos (coquinhos para os meninos) (²). Os *caroços*, frutas que são como landes ou bolotas, dão-se de mantimento aos suínos; sua árvore assemelha-se às palmeiras e as fôlhas (iagas) são do tamanho de homens, pelo que servem de telhas

(¹) Aos palmitos me referi já largamente na obra, tantas vezes citada, *Flora e Fauna brasileiras*, etc. O Fidalgo de Elvas lá conta, no livro sôbre a Flórida e quanto a Cuba: — «se mantem de frutas e palmitos, que há muitas palmeiras grandes...». Soares de Sousa, Amato Lusitano e outros portugueses falam dos palmitos como alimento. A várias palmeiras que dão palmitos se refere Hoehne (ob. cit.), no Brasil: *Cocos botryophora* Mart., *Diplomethium caudescens* Mart., *Cocos coronata* Mart., etc. Hoehne escreveu, também: — «Palmitos fornecem muitas espécies de palmeiras, mas queremos crer que a referência cabe ás *Jussaras* (Euterpes) e não aos *coqueiros*. Fôlhas usadas para cobrir casas devem ser as das *Pindobas* e *Baguassús* (Orbignias)».

(²) Escreve o P.^e Afonso: — «Uma dá uns coquinhos pouco maiores que avelãs, com seu focinho, bôca, olhos e nariz, que no Brasil chamam vizicurum. Parece que quando a sapiência Divina se andava desenfadando no mundo, criando nele tantas e tão várias espécies de cousas, quiz fazer côcos para os homens e coquinhos para os meninos...» (pg. 129).

Garcia de Orta e outros portugueses quinhentistas larga e proficilmente tratam dêste assunto. Recentemente, D. Augusta Gersão Ventura, ilustre Professora do Liceu Infanta D. Maria, de Coimbra, escreveu uma nota curiosa àcerca do *côco*, tomado antigamente como *papão de crianças*, como prova certo passo de Gil Vicente (in *O «Côco» da Barca do Purgatório*, etc. «Liceus de Portugal», Lisboa, 1943). Embora posterior aos velhos autores, que alega, o nosso P.^e Gaspar Afonso fica bem no rol.

nas casas. O capitel da árvore é como verde talha, de cuja bôca saem os «ramos ou palmas, deixando os pés dentro no colo, como um ramalhete, que nela a natureza quer ter para sua recreação, onde a arquitetura é pintura tinha bem que aprender» (pg. 130).

Quanto à fauna de Santo Domingo ou Hispaniola, refere o nosso jesuíta a abundância de porcos, vacas montezez e cães (que são os lobos daquela terra, mas muito medrosos) (1). Na cidade de Santo Domingo matavam-se muitos, diàriamente, junto à praia; os restos da açougaria lançavam-se ao mar, o que era repasto estimadíssimo dos tubarões, que ali acudiam em cardume e que, por isso, andavam bem cevados.

Os negros *simarrones* ou fugidos para os montes, viviam aí em povoações bem defendidas. A escravatura. Tarefa dos escravos e humano tratamento que lhes dispensavam, com receio de os verem fugir para as referidas povoações.

P.^o Afonso volta a falar nas árvores da região, para falar da forma, número e fôrça das raízes ou liames (térreas e aéreas). Isto o levou a escrever:— «São pois causa tão maravilhosa estas poucas raízes que as árvores por cá lançam por baixo da terra para sua firmeza, que entre as maravilhas que os primeiros descobridores daquelas Índias trouxeram para contar aos Reis Católicos, em cujos tempo se elas acharam, foi esta uma; a qual ouvida pela Rainha D. Isabel, respondeu aquêlo que agora é tão celebrado apotegma ou dito naquelas partes: que pois as árvores nessas terras tinham poucas raízes, os homens seriam de pouca verdade. E profetizou bem na opinião de todos os que lá vivem, e na nossa que o apalpámos» (pg. 132).

Eis, agora, uma valiosa parte sôbre reprodução das plantas, por meio das aves e dos ventos:

— «A enxertia do arvoredado nesta terra e no Brasil, e em tôdas as mais que corremos, é mais

(1) O Fidalgo de Elvas, referindo-se a Cuba, na sua relação sôbre a Florida, fala também de cães bravos que se *vã das casas pera os matos, e mantemse nos porcos*. São os célebres *cães de Cuba*, hoje desaparecidos, descendentes dos que foram da Espanha e estavam ensinados na caça aos escravos fugitivos.

maravilhosa que tudo, porque sem mais corte de ferro, nem garfo, nem outras mezinhas, para escusar todos êstes trabalhos aos homens, a fazem os pássaros, com a semente que de umas árvores levam, no bico ou no estômago, e põem sôbre as outras, ou o vento que arrancando-a de umas a vai espalhando e semeando por cima das outras, inda que sejam de diferente espécie, que não é pequeno alívio para caminhantes que nunca se viram em tais pomares» (pg. 133).

Já atrás aludi a êste facto, quando tratei da videira das Antilhas.

Segue-se a descrição da aventura de um padre português, Lourenço de nome, perdido em floresta dominicana durante anos. Fala, depois, na existência de grandes serpentes ⁽¹⁾ e ao extremo viço do arvoredo, vendo-se por ali árvores nascidas em árvores, sem mais enxertia. Trata, agora, de peixes do monte, única coisa que faltava! E' que, como peixe, apresenta *caranguejos* enormes (lacraus), com suas luras como coelhos, no sopé das árvores.

Nos rios, além do pescado usual, muitas *teoteas* (como cágados), iguaria apreciadíssima. As tartarugas do mar, mantimento da gente comum; seus ovos ⁽²⁾.

P.^e Gaspar Afonso descreve o célebre *peixe-boi* ou *manatim*, que é *rudes indigistaque moles* ⁽³⁾:

— «não têm mais semelhança de boi que uma pouca no focinho.....; podia só o filho

(1) Graciosamente conta que o vagamundo, subindo a uma árvore, topou uma serpente e logo fugiu, agradecendo muito «deixá-lo descer em paz e ser tão pouco humana e caritativa que lhe não quiz dar um pedaço de lugar em seu estômago para descansar e se aquentar nêle por aquela noite».

(2) «Tira-se-lhe de dentro a cada uma um formoso cêsto de ovos, muito diferentes dos das galinhas em três cousas: a primeira, sem serem muito redondos; a segunda, em não criarem fora aquela casca dura; a terceira, em não endurecerem nunca, por mais que se cozam, ficando sempre a gema líquida» (pg. 153). O P.^e António Vieira, em carta a P.^e Francisco Gonçalves (1654) e a respeito do rio dos Tocantins, descreve a desova das tartarugas naquêle seu tão gracioso, como delicado estilo.

(3) No meu estudo *Flora e Fauna brasílicas*, etc., apresento uma curta síntese da história natural dêste mamífero, que se consi-

dar de comer a um par de centos de homens, e sobejar para convidar a outros poucos; e com ser tamanho, ainda mamava, porque por não deixar a fêta foi tomado também com a mãe, cousa nova e muito de notar em peixe estranho, e que eu nunca tinha lido nem ouvido de outro, que diante de nós a estiveram ordenhando e tirando o leite dela, como se fôra vaca; e muito mais nova e maravilhosa ainda: o lugar das tetas que são os cotovelos dos braços, com singular advertência da natureza, que não falta no necessário, porque pondo-lhas nos peitos puderam mal servir aos filhos nadando a mãe, e muito pior estando pastando, como ela costuma vir pastar junto à terra com os peitos sôbre ela... Consequente cousa ao leite dêste peixe deve ser parir seus filhos já formados, que é também cousa rara em peixes, e que eu não sabia mais do que dos tubarões, que nós por vezes vimos na costa de Guiné abrir e lançar ao mar os filhos que dentro tinham, e eles irem logo nadando, do tamanho e feição de leitões, que alguns também comiam e tinham por tenro manjar» (pg. 135).

derava peixe. Trata-se do *Manatus inunguis* ou *Trichecus manatus*, Lin., *manato* dos Espanhóis. Soares de Sousa, além dos que aponto no trabalho indicado, é um dos melhores descritores do animal, assim como Magalhães Gandavo. O peixe-boi, a que Soares de Sousa chama *Goaragoa*, é também descrito pelo quinhentista D. Jerónimo Osório, já referido, in *Vida e feitos d'el-rei D. Manuel*. Designava-se o animal pelo nome de *Boi* ou *Peixe de azeite*, de que podem render 20 e mais almudes, isto é, uma pipa (vd. o setecentista *Roteiro da viagem da cidade do Pará*, etc., ed. de 1856).

O grande António Galvão, por antonomásia o «Apóstolo das Molucas», trata de alguns factos e coisas das Américas, como as Antilhas. No seu trabalho, já citado, descreve o manatim (*manatim*) e a pesca ou caça do mesmo, com o auxílio de outro animal, o reverso, semelhante ao ouriço cacheiro. São curiosas as suas descrições da sarigüeia, das azêmolas, etc., da região antilhiana. Gómara (ob cit.) descreve também o *manatim* e, entre outros espanhóis, descreveu, embora com menos largueza, a sarigüeia, a que chama *chuca* (pg. 377). (Vd., também, Luis de Pina = *As Ciências na História do Império Colonial Português*, em publ. nos «Anais da Faculdade de Ciências do Porto»).

O nosso missionário, agora, escreve considerações teológicas àcerca da carne dos manatins e das tartarugas, que é de peixe, em sua opinião (1). Fala, em seguida, da cidade de *Veiga* (2), a mais antiga da ilha e de *tôdas as Índias de Castela*, onde assistiu a uma costumada imigração de patos vindos das terras firmes, a 190 léguas. São êles muito semelhantes aos nossos. Uns, brancos; outros, pardos, repartidos em dois bandos, por côr, sem se misturarem no campo onde pasciam. As galinhas do mato são galinhas no corpo e perdizes no gôsto.

O texto imediato trata das minas de prata e de outras de pedras de côr (azuis, etc.), e de cevar.

Um espanhol rico e caritativo, Fernando Varela, de Granada, havia-lhes fornecido dinheiro e cavalos em Pôrto-Rico. Em Baiaba se agasalharam no Hospital do Coração de Jesus, resistindo, uma vez, às instâncias do hospitaleiro amigo para com êle se embarcarem em Pôrto-Rico para Espanha (3); não puderam negar-se, depois, em Santo Domingo — onde êle também viera dar — a aceitar-lhe a oferta. Embora doentes e fatigados, saíram de Baiaba bem acompanhados e servidos; chegados à cidade de *Monte Christi* encontraram Portugueses e muitos carinhos de todos (4).

Chegam, enfim, a Santo Domingo, onde os acolheram festivamente, mercê das providências de Varela,

(1) Eis o texto em que fala da forma de cozinhar o peixe-boi: — «Guisa-se êste peixe-boi com tudo o que se lança em uma panela de vaca; e é tão semelhante sua carne, que com nós trazeremos para nossa matalotagem alguns barris dêle, salgado, do Brasil, e com o comeremos muitas vezes até Pôrto-Rico, todavia dando-lho aí fresco a dous padres que foram em missão pela ilha, lhe pareceu a um dêles, que tinha obrigação, por ser sexta-feira, de dar, como deu, uma fraterna correição aos da casa em que estavam agasalhados por comerem carne em sexta-feira, até que o desenganaram do que era e êle caiu em seu êrro» (pg. 136).

(2) Concepción de la Vega; La Vega, no sopé da cordilheira de Cibao, onde havia minas de ouro, descoberta em 1494.

(3) Os Padres queriam tornar a Portugal na mesma nau em que haviam partido. Quantas e graves mudanças ela havia já passado, a pobre carcassa!

(4) Inclusive lhes ofereceu um *pavilhão* para o caminho «por amor dos exércitos de mosquitos» (pg. 141).

que ali os esperava e onde, embora se houvessem agasalhado na pobre casa da Companhia, lhes dispensava o sustento. Nesta cidade, ao apearem na porta do Hospital, recebem recado do Presidente daquela audiência real para se alojarem na sua casa. Era irmão do P.^e Osório, sermonista da Companhia de Jesus. Também outro português, de Borba, os quis albergar. Recusaram com dizer ser hábito dos da Companhia hospedarem-se nos Hospitais da mesma. Descreve o óptimo gazalhado que lhes deu o Arcebispo, frade franciscano e o muito fruto que colheram de prêgões e missões pela terra.

Dali se embarcaram para Espanha, onde chegaram sãos e salvos à cidade de Cádis (P.^e Gaspar Afonso diz ilha de Cales) em cujo Colégio se albergaram. Os pobres missionários, agora, relembram alguns factos de Santo Domingo, como o seu Hospital (1) e a vida social caseira dos grandes da cidade.

Refere-se o nosso jesuíta à fundação de um Colégio para ensino (doação do Presidente da Cidade) com estipêndio para prémios a alunos (composições e poesias dos estudantes). Situação da cidade de Santo Domingo, seu pôrto e seu rio; as quintas marginais e suas culturas; o gengibre e o açúcar. A cidade antiga em frente a Santo Domingo, no outro lado do rio (2). A exportação: couros, gengibre, tabaco, canafistula, etc. (os couros = 7. ou 8 reales, gengibre a 5 ducados o quintal). Os refrescos das naus (3).

(1) «onde havia Hospitais, essa fôra sempre dos peregrinos da Companhia...» Aiton & Karpinski apontam a fundação de Hospital em Santo Domingo no ano de 1526, por Miguel Passamant. No meu estudo *Flora e Fauna brasileiras*, etc., aponto os mais antigos Hospitais do Novo-Mundo, segundo indicação de vários pesquisadores. Entre êles, o de Brás Cubas, em Santos (1543) e o do México (1524), fundada por Cortez (ou em 1526, segundo outros).

(2) «outro exemplo do fim em que pára o jôgo, que nela tanto floreceu e tanto ouro e prata sorveu» (pg. 150).

(3) Frutas, em particular, oferecidas gratuitamente. Era a terapêutica vitamínica do escorbuto, que os Portugueses conheciam e publicaram desde o fim do século XV e principios do XVI, como digo no meu trabalho, citado, *A Ciência na História do Império Colonial Português*.

Diz P.^e Gaspar Afonso que «os marinheiros achavam mais breve pôr o machado aos pés das laranjeiras para lhes colhêr as

Informa agora o P.^e Afonso que esteve na ilha desde 3 de Agosto de 1597 ⁽¹⁾ a 14 de Julho de 1598 ⁽²⁾, até que embarcaram para Cartagena, na terra firme da América do Sul, hoje pertencente à Bolívia ⁽³⁾, ao repique de despedida dos sinos de Santo Domingo, em busca de frota que o levasse à Espanha ⁽⁴⁾. E ali chegou, com a nau escapa de ter caído em poder dos corsários, que ao largo a vigiavam.

Descrição rápida de Cartagena, *pequena Babilónia* que, se o mundo durasse muito, o seria também na grandeza. Parece que não se realizou o augúrio do P.^e Gaspar Afonso, que assistira à construção dos seus muros de areia e tábuas ⁽⁵⁾. Alude ao ataque de Drake ⁽⁶⁾ e às ruínas que a sua artilharia causou na Sé e outros lugares ⁽⁷⁾. Chama à cidade *enfêrmica, detemperada e quente*, o que não impedia a emigração dos que acudiam ao rico empório do comércio do ouro.

Aí recebe convite dos Padres do Colégio da Companhia de Panamá para aviso de a êle se reco-

laranjas em baixo, que subir acima e andá-las colhendo com mais vagar pelos ramos» (pg. 152).

⁽¹⁾ Neste ano os Espanhóis fortificaram Pôrto Belo, no Panamá, que o corsário Drake assaltara em 1596, ano da partida do P.^e Afonso de Lisboa para a Índia, onde, afinal, nunca chegou.

⁽²⁾ Há evidente engano do Padre. Em páginas 117, conta que em dia de S. Bartolomeu (24 de Agosto) andavam no mar ainda, antes de chegarem à Espanha.

⁽³⁾ Pelo que diz P.^e Afonso, as frotas iam ali carregar para Espanha a prata e ouro do Peru e terra firme.

⁽⁴⁾ Infeliz cidade, insalubre, fundada por Pedro de Herédia em 1533, seu célebre governador. Já contou 30 000 habitantes. Foi saqueada duas vezes pelos piratas (1544 e 1586).

⁽⁵⁾ Foi aqui que Juan de la Cosa faleceu, em 1569; autor do mais antigo mapa geográfico conhecido, do Novo Mundo (Aiton & Karpinski, ob. cit.).

⁽⁶⁾ O célebre Drake apoderou-se dela em 1583 e o almirante francês Pointis em 1697.

⁽⁷⁾ Em Cartagena vivia um honrado português, de Faro, muito rico; outro, era comerciante de esmeraldas da região. Escreveu P.^e Afonso: — «Aqui nos mostrou outro português esmeraldas, de que tinha em casa uns vinte mil cruzados, que no mesmo Novo Reino se tiram em muita quantidade, e a madre em que se criam, que parece uma pederneira na côr, donde saem tôdas oitavadas pela natureza, com tanta perfeição que quem se quiser servir delas nesta figura pode escusar todo o beneficio da arte» (pg. 154).

lher e aviso de estarem já os ingleses em Pôrto-Rico, "seguinto as pisadas de Drake", que dali viera tomar Cartagena (1). Devia de ser o Conde de Cumberlândia, a que já aludi.

A moeda usada nesta cidade (prata, não cunhada) como em Moçambique o ouro em pó. Eis o que êle nos diz:

— "Há neste uso mil abusos, ou mil enganos, com que os que vendem engrossam muito; e porque a balança e pesos falsos é engano grosseiro e perigoso, usam além dêses de um que eu soube por mui boa via, tão delicado e tão sutil, que, com a balança e os pesos estarem justos e afilados, só com o tomar em sua mão pesa e inclina para onde êles querem, e vai a parte enganada" (pg. 156).

Ouçamo-lo, quanto ao clima de Cartagena:

— "A terra é calidíssima, e assim andam os corpos, como se por todos seus poros estivessem saído ou entrando agulhas. Serve esta queutura de um bem, já que a roupa lá é tão cara, de a escusar tôda na cama, porque cuida eu que quem a sofrer, por pouca e leve que seja, fará uma singular penitência e se ensaiará bem para o Purgatório, e se fôr com caridade e por êsse respeito, com uma só noite de cá pagará muitos dias de lá" (id.).

O uso e abuso da pimenta (*hagi*, pimenta vermelha) nos cozinhados é-nos descrito a seguir:

— "mandam pôr outra crua em pratos pela mesa, como em saleiros, que mastigam e comem com todo o gôsto, como se êles tivessem

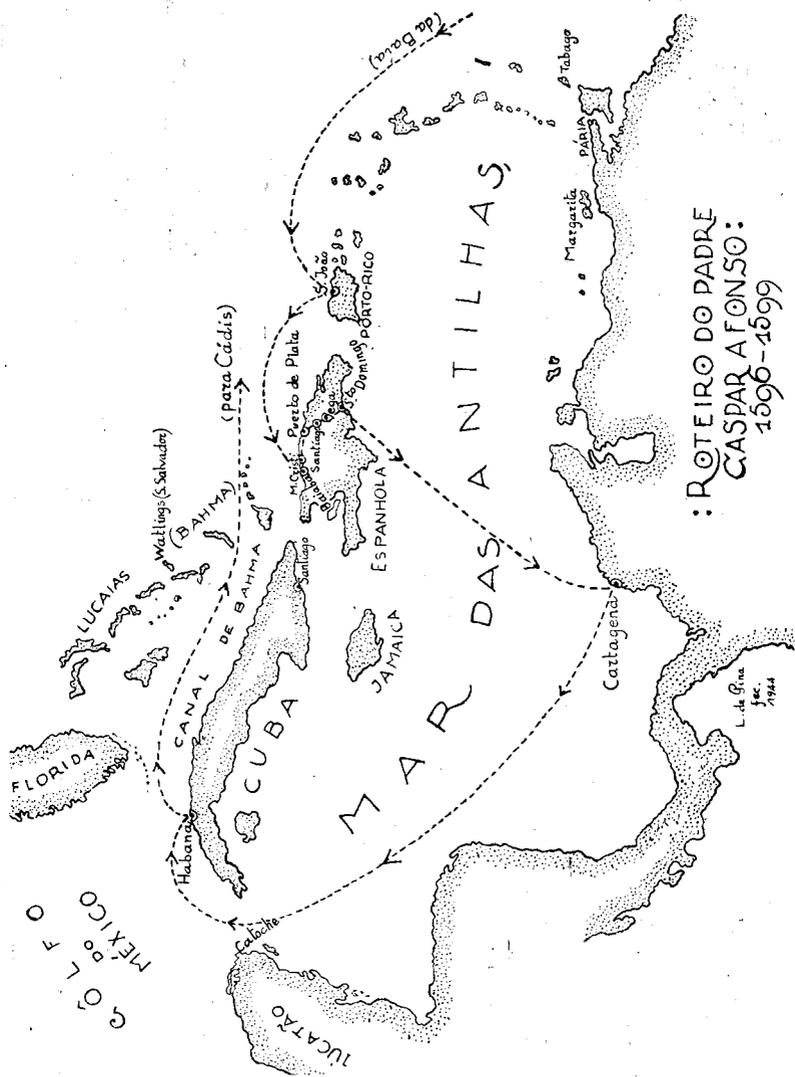
(1) O Padre Reitor do Colégio de Panamá era filho de pai português, que vivia no Pôrto de Santa Maria.

as línguas e gargantas ladrilhadas, cousa que nós cá não queremos tocar nem ainda com a ponta da língua" (pg. 157).

E' interessantíssimo êste reclamo da obra, no tocante aos comeres dos de Cartagena e às dietas do seu hospital :

— "onde se comprava ou gastava mais dinheiro nela que na própria carne que com ela se cozinhava, porque a arroba de carne compra-se por um real e meio português e na pimenta para a guisar sempre se empregavam três reis ou mais, segundo o apetite que cada um tinha. E por essa razão é a mais aceita hortaliça que vem à praça, sem faltar nela de pela manhã até à noite, antes nas ceias se carrega tanto mais a mão em algumas partes, que o ordinário guisado que nelas fazem, pelo muito hagi que leva tomou dele o nome e se chama Hagiaco; e então se deitam a dormir mui consolados em suas camas, quási debaixo da Linha Equinocial, como se houvessem de dormir ao sereno debaixo dos polos. E mal contentes ainda os estômagos com o fôgo e ardor de tanta pimenta, têm por tão pouco escusada a quentura do vinho, que se vendia aqui neste tempo o almude a vinte e sete patacas. Só o porco, que por estas nossas terras, e nas mais frias, é quente, naquela tão quente é tão frio e temperado que é ordinária galinha dos enfêrmos de cama e febres, no hospital, para os quais víamos nós matar cada dia um em amanhecendo, e dar cozido ao jantar, não só sofrendo-o, mas mandando-o assim a medicina de lá" (pg. 157).

A seguir, descreve a ilha Margarita, vizinha, ao norte de Cumaná, na Venezuela, onde a moeda corrente eram pérolas, "das quais tôda a ilha em redondo está cercada ou calçada". Os ostreais da ilha e sua defesa pelas figueiras da India, que "bastou esta muralha até agora para a fazer impenetrável a todos



: ROTEIRO DO PADRE
 GASPAR AFONSO:
 1596-1599

Fig. 2.

os inimigos, que com tantos desejos visitam e saúdam de longe» (pg. 158) (1).

Revertendo no texto a Cartagena, P.^o Gaspar Afonso alude à erva do anil e sua tinta, bem como à erva-viva, que graciosamente assim menciona:

— «cheia de tanto amor, e tão sentida, que, em lhe tocando levissimamente, se arrufa, murcha logo e quebranta com grande ímpeto; porém, daí a pedaço, como lhe passa aquela pirassa, torna a erguer-se e ficar como dantes, ensinando assim que o melhor remédio para curar os arrufos de muitos é deixá-los estar quanto quiserem arrufados, que êles se desarufarão por si sem mais mimos nem afagos» (pg. 158).

Fala das *árvores da peçonha* da beira-mar, de bálsamos (copaíba?) das canas e suas variedades, das canoas dos naturais, da fazenda de lã do carneiro do Perú, que se assemelham à sêda (2).

De Cartagena embarcam, no 1.^o de Novembro de 1598 para Havana (fundada em 1519) à cata de frota da Nova Espanha, que havia de o conduzir ao Reino. Refere-se ao mel da Nova Espanha—na Terra Firme—fabricado por abelhas que são como moscas, se n'ferrão:

— «Bem desejei de virem muitas destas conosco, pois são tão benéficas, e degradar para lá tôdas as que cá temos, tão aborrecidas de todos».

(1) Informa o P.^o Afonso: — «Da qual também levou mui afectuosas saúdades o conde inglês que êste ano ganhou Pôrto Rico e o saqueou (como acima disse), arremetendo duas vêzes para ela» (pg. 158).

(2) «Têm os tais carneiros corpo e fôrça para servirem, como servem, de carga; e, acabada a jornada, se vendem também, e se come a azémola e bebe a carga, o que é ordinário no Sêro de Potosi, para onde vão récuas de três e quatro mil dêles carregados de vinhos e outras vitualhas para provisão de cinqüenta mil pessoas que na fábrica e labor de sua prata se ocupam continuamente, onde não vale à natureza tomar por cofre de suas riquezas o centro da terra, que tanto abaixo vão as minas» (pg. 159).

Menciona o P.^e Gaspar Afonso o *mar dos Sargaços*, a que possivelmente já se referira o historiador Rufas Festus Avienus, no século V da nossa era:

— «Nesta infinidade de baixos e ilhéus, e dos mais com que a natureza tem salpicadas tôdas estas Antilhas, deve de nascer aquela erva, a que os navegadores chamam sargaço, e de que também aquêlê mar fronteiro toma o nome, chamando-se mar de Sargaço, por andar coberto dela, que achamos os que vimos da India e do Brasil, e de Indias e de outras partes de doze graus âquem da Linha, até junto às Ilhas Terceiras, sem os pilotos até agora saberem onde ela possa nascer e andar em tanta abundância, como em grandes mantas (como êles chamam) pelo mar, com suas raízes, flores e fruto, que é uns grãos pequenos, e com tanta frescura como se daquele elemento tomara êle tôda a sustância, como as outras ervas a tomam da terra, porque com nós navegarmos alguns mêses por entre êle, e tirarmos muitas vezes alguns pés e ramos, nunca vi algum sêco» (pg. 162).

A *ilha Havana*, isto é, Cuba ⁽¹⁾, a que se chama *chave das Indias* (estas são as armas e brazão da cidade). O canal de Bahma — de cem léguas de comprido — saída obrigatória das Indias; a corrente marítima do Gôlfo; o pôrto de Havana e suas defe-

(1) Cuba ou Fernandina, descoberta por Colombo em 1492. Eis algumas das informações que nos dá Gómara: — foi seu principal colonizador e conquistador Diego Velasquez de Cuellar; a primeira colônia espanhola data de 1501; mediria 300 léguas de comprimento e 70 de largura. Indios não os havia lá; as bexigas e os muitos trabalhos aniquilavam-nos; muitos passaram à Nova Espanha ou suicidaram-se. Dá-se como totalmente desaparecida a população indígena em 1560. O seu principal pôrto é Santiago, que o nosso *Fidalgo de Elvas* descreve na Relação da Flórida, fundado por Velasquez em 1511. Cuba é indígena; foi conhecida por Juana, Fernandina, Santiago e Avé-Maria. Foi saqueada pelos Ingleses em 1660 e 1762 (almirantes Albermale e Pocock). Forani célebres as suas revoltas de escravos de 1812, 1844 e 1848. Sabe-se que até ao fim da 1.^a vintena do século XVII era proibido conside-

sas; a ilha dominicana, a única das Antilhas de que os indígenas não desapareceram, porque é impene-trável aos agressores (1). A água de Havana e a sua filtragem:

— «Não sabia eu, até chegar a esta terra, que, para beber um púcaro de água com muito gôsto, tivessem os deliciosos achado mais invenções que estas, uns fazendo adegas dela, como se faz da do Tejo, purificando-a e assentando-a, outros serenando-a, outros metendo-a em poços e cisternas frias, outros com a própria substância da neve. Por cima de tôdas estas invenções passa a que aqui vimos usar, com terem muita e muito boa água, e essa é fazerem umas grandes pias de pedra em forma de gral, nas quais os mais regalados a lançam, e sustentadas no alto estão como suando e estilando por todo o fundo, com ser muito grosso, e lançando-a com grande maravilha em gotas dentro na talha que para isso lhe põem debaixo, donde a tiram, e bem coada por onde se não coa o ar; o que é bom segrêdo da natureza e licença que ela dá para se lhe perguntar se quis ela por ventura que a água daquela terra fôsse mais delgada que o ar, pois sai com tanta suavidade por pedra em que o picão entra com tanta dificuldade» (pg. 164).

rar Cuba como ilha (Colombo julgou-a terra firme e extrema da Asia); habitavam-na mais de 200.000 índios ao tempo da descoberta.

Habana foi fundada em 1515 por Velasquez de Cuellar, já referido, e em 1519 transferida para o lugar em que hoje assenta. Segundo Gómara, Cuba assemelhava-se a terras da Espanha europeia. Ao tempo do *Fidalgo de Eivas* (1538) as povoações eram Santiago, Baracoa, Baiamo, Pôrto de Príncipe, Santo Espírito e Havana. Os vizinhos de Santiago e Havana eram 70, oito casas cada. Tinha Igreja e Cura. Em 1516 chega Las Casas àquela ilha, cuja costa foi reconhecida em 1506 por André de Morales. Em Portugal existe uma vila alentejana chamada Cuba, de fundação muito remota.

(1) Aludo aos ataques que os seus naturais faziam a Pôrto-Rico, devastando os engenhos de açúcar.

P.^e Gaspar Afonso deixou, enfim, as Índias Ocidentais no dia 16 de Janeiro de 1599, em uma das naus da frota de Espanha, que 32 ventos, bastos como os rumos da Agulha de Marear, destroçaram e meteram no fundo (1). Depois da tormentosa derrota chegaram à Ilha de Cales (Cádiz), em Castela, aos 10 de Março do mesmo ano. Daí se passou P.^e Gaspar Afonso a Evora, onde, ao chegar, o tocou a peste (2) que então mordida aquelas terras.

Não rematou a sua Relação sem indicar e descrever o Cruzeiro do Sul, a célebre constelação que Mestre João, bacharel em Medicina e astrólogo da armada de Pedro Alvares Cabral, em 1500, descreveu e desenhou na valiosa carta de 1 de Maio a El-Rei D. Manuel e pela primeira vez publicada no Rio de Janeiro, em 1843 (3), constelação a que estão ligados os nomes ilustres dos grandes pilotos Pero Anes e João Lisboa, nos princípios do século XVI.

Eis a descrição de P.^e Gaspar Afonso, 99 anos depois:

— «O número de estrélas do outro Polo, a própria figura e formosura e feição do Cruzeiro, assim chamado pela muita semelhança que tem com o de que se servem as igrejas no Ofício das Trevas, situado com suas guardas,

(1) Foram 14 as naus perdidas.

(2) Devia ser a *peste pequena*, de 1598, que durou até 1603. Fernando Correia, no seu *Portugal Sanitário (Subsídios para o seu estudo)*, de 1938, não refere Evora entre as cidades e vilas tomadas da peste, o que contradiz P.^e Gaspar Afonso.

(3) Entre mais obras que do assunto tratam, leia-se, de Fontoura da Costa a *Bibliografia Náutica Portuguesa até 1700*, Lisboa, ed. de 1940 (pg. 75) e a colectânea *Os sete únicos documentos de 1500, conservados em Lisboa, referentes à viagem de Pedro Alvares Cabral*, Lisboa, ed. de 1940.

Não foi possível, ainda, identificar Mestre João. Diz na obra acima o Comandante Fontoura da Costa: — «Inclinamo-nos para que Mestre João Faras seja o Mestre João, da *Carta*, o qual Faras, demais, traduziu para espanhol a *Geografia* de Pomponio Mela, Ms.». A carta, escrita em espanhol, é reproduzida, em *fac-simile*, na segunda das obras que acabo de citar.

que são duas resplandecentes estrêlas, na Via Láctea, para que não falte aos que vivem naquele hemisfério estrada nem guia de estrêlas para vir em romaria a Santiago. Como se arma e desarma cada noite, e o que dura assim armado; quanta distância tenha do verdadeiro Polo, donde nasce, que vendo-se em boa altura dos que vivem em dezassete e dezoito graus de Norte, todavia se lhes põe e desaparece de todo, como se nos punha a nós por todo o tempo que vivemos em ambas estas alturas, onde estão Pôrto Rico e Santo Domingo» (pg. 170).

Assim acabaram os trabalhos do pacientíssimo e bom peregrino P.^o Gaspar Afonso, que êle bem resume (1):

— «Seja pois epílogo, e recopilação de tudo, três anos de peregrinação, gastados em cinco naus pelo mar, e cinco hospitais pela terra; três naufrágios, três arribadas, três enfermidades, e pudera eu também acrescentar três mortes, que eu tivera muito bem empregadas na Companhia para glória e Serviço de Nosso Senhor em tais actos de obediência» (pg. 171).

Trezentos e quarenta e cinco anos depois, nesta illustre cidade de Córdova, nação que foi gloriosa cabeça das ricas e portentosas Indias Ocidentais, eu evoco a digna e insigne figura de P.^o Gaspar Afonso, grande jesuíta, delicadíssimo missionário, excelente

(1) Os tópicos dêste texto não se ajustam aos que se inferem do texto até aqui analisado. No entanto, creio tê-los conjugado correctamente nos dois mapas que apresento. Em páginas 168 conta 6 estações de paragem na sua jornada: Baía, Pôrto-Rico, Santo Domingo, Cartagena, Havana e *Cales*. Não se refere, como se vê, às Ilhas de S. Miguel, o que enevoa a conjectura da viagem. Em páginas 92 P.^o Afonso chega à estação da Baía, a primeira das sete que correram. Esta declaração deve de estar mais certa.

observador naturalista, com os votos de que seu espírito gentil goze, enfim, nas mãos de Deus, aquele repouso e aquela paz que em vida não logrou forrar sôbre as águas e em tantas das terras de Além-do-Mar (!)!

LUÍS DE PINA.

(1) Desiludido do que viu entre homens, por terras ultramarinas, céptico mesmo, escreve, a pg. 169 de sua memória: — «E se algum me perguntar se vi por estas estações e romarias muitas reliquias e muitos corpos de Santos, e se ganhei muitos perdões, e se venho também santo, digo que Índias e Santos são contrários, e ainda contraditórios, e por tais o nosso Beato Padre Francisco, quando da Índia mandou em uma carta sua aquele conselho ao Padre Mestre Simão, por estas palavras: — *Irmão meu, Mestre Simão, rogo-vos que não consintais que parente vosso venha com officio d'El Rei à Índia, porque êste verbo "Rapio rapis,, conjuga-se cá por todos os modos.*»